

## UMA PRÁTICA CONSTRUCIONISTA SOCIAL NO CAMPO DA PSICOLOGIA SOCIAL

**MARÍLIA DE FREITAS  
PEREIRA**

*psicóloga, terapeuta de  
família e docente do  
Instituto FAMILIAE*

**ROSELI RIGHETTI**

*psicóloga, terapeuta de  
família e docente do  
Instituto FAMILIAE*

O contexto brasileiro atual está caracterizado por profundas desigualdades sociais, econômicas e culturais. A maior parte da população convive com a fome, falta de moradia, desemprego, enfim, em constante luta pela sobrevivência. Essas condições criam possibilidade de ações criminosas, violentas e antisociais; ou podem levar a uma postura de grande apatia, submissão e obediência. Nos dois casos, entendemos que os que assim agem o fazem por desconhecimento dos seus próprios recursos e saberes capazes de transformar sua realidade.

Nossa sociedade produz discursos e significados que, recursivamente, alimentam esta situação. “Marginais”, “delinquentes”, “essa gente”, “coitados”, “ignorantes” são descrições que constituem identidades.

Diante disto perguntamos:

Quem faz essas descrições?

Em que contextos são produzidos esses significados e descrições?

Quais são as consequências desses discursos?

Se linguagens determinam descrições, se vozes determinam comportamentos, como gerar discursos transformadores? (GHIRALDELLI, 2004)

Como criar vocabulários capazes de possibilitar novas ações e, conseqüentemente, abrir outros futuros?

Como nossos conhecimentos tornam-se uma ferramenta que contribua para a melhoria da qualidade de vida da maior parte da sociedade brasileira?

Aqui se coloca um desafio para nós profissionais da área da saúde, da educação e da assistência social.

### NOSSA ABORDAGEM

A abordagem sistêmica trouxe para o campo da psicologia, em especial para o campo da terapia familiar, conhecimentos que possibilitam aos profissionais da área construir contextos onde cliente e terapeuta buscam juntos a dissolução dos problemas e o agenciamento dos seus recursos.

Na sua vertente Construcionista Social, compreende os seres humanos como vivendo em relações uns com os outros, em contextos sociais, e construindo significados, em linguagem. Nesta abordagem:

- a realidade é construída, contextualmente, em acordos linguísticos;
- o sujeito não é um dado preexistente, mas sim um dos efeitos da linguagem, ou seja, somos as narrativas que construímos e que são construídas sobre nós.

O profissional constituído nesta abordagem desenvolve, então, uma postura de curiosidade e respeito em relação às diferentes formas de estar no mundo e

passa a ter como proposta de trabalho criar contextos de diálogo/reflexão favorecedores de novos significados e descrições capazes de gerar:

- reconhecimento de saberes e capacidades;
- agenciamento de ações produtoras de futuros mais promissores.

Nosso trabalho dialoga com Liana Fortunato Costa, Maria Inês G. Conceição e Maria Fátima O. Sudbrack (2010, p.121) no artigo “O Psicólogo na Comunidade: Abordagem Psicossocial e Grupal às Famílias”; as autoras enfatizam que a “formação desse profissional deve ser extremamente cuidadosa [...] (sendo) necessário um grande investimento na aquisição de habilidades, de técnicas e de recursos criativos para fazer frente a uma prontidão para perceber as oportunidades da intervenção”.

Também, como as autoras, nossa prática tem nos confirmado a importância do grupo como produtor de conhecimento e diferença na vida das pessoas.

*A abordagem grupal, por sua própria característica de horizontalidade e aproximação, proporciona o enriquecimento da conversação, facilita a reflexão compartilhada, pode trabalhar com vários tipos de informações, as que são trazidas por outras famílias e as que são construídas juntamente com os técnicos. Além disso, várias famílias ou sujeitos em interação constroem diálogos ricos que fazem circular o apoio mútuo, característica tão valorizada nos trabalhos grupais. (p.123)*

Nós, terapeutas do Instituto FAMILIAE (BARBAS, BERNARDES, PEREIRA, 2003), desenvolvemos trabalhos com grupos e equipes de profissionais para além da clínica. Nossa proposta visa criar espaços de conversação que:

- propiciem a cada participante compartilhar suas histórias, crenças e significados;
- criem possibilidades de ampliar a capacidade reflexiva, entendida como um perguntar-se sobre suas crenças e emoções que emergem nas conversações com o outro;
- despertem nos participantes o reconhecimento e a apropriação de suas habilidades e recursos favorecendo o reconhecimento das diferenças e a construção conjunta de novos significados;
- possibilitem:
  - a construção de histórias alternativas que favorecem o desenvolvimento de relações mais harmônicas e satisfatórias na vida das pessoas;
  - a geração de novas ações consideradas mais úteis por parte das pessoas envolvidas no processo, levando-as a uma posição de autoras de suas ações;
  - o desenvolvimento da capacidade de resolver situações consideradas problemáticas.

Formatos conversacionais que acreditamos como favorecedores para atingir esses objetivos:

- convidamos cada participante a colaborar como coautor dos contextos de conversação, procurando gerar uma postura colaborativa, mais comprometida, autônoma e responsável.

- escutamos as diferentes vozes, possibilitando a cada participante (re)conhecer suas crenças e significados como possíveis recursos para a construção de novas ações, mais úteis e coerentes com suas crenças e significados;
- privilegiamos o uso de uma linguagem baseada nos recursos e competências, e não nas carências;
- trabalhamos em dupla de profissionais que favorece a reflexividade, cuidado que Liana, Maria Inês e Maria Fátima reafirmam: “O profissional tem que ter domínio não só de conceitos, mas principalmente a consciência da existência de seus preconceitos: por mais que nos pensemos humanistas, somos acima de tudo humanos.”

Os governos têm despendido esforços e recursos para melhorar as condições da população mais pobre, no entanto, do nosso ponto de vista, esses esforços, de maneira geral, não propiciam o desenvolvimento da autonomia dessas pessoas.

A experiência tem nos mostrado, em muitos casos, a proposta socioconstrucionista como uma oportunidade rara de desenvolvimento de conhecimento autônomo e coletivo por parte dos participantes. Ela gera possibilidades de transformação diária, de relações de luta por poder para relações de participação e colaboração.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBAS, C.;** **BERNARDES, C.;** **PEREIRA, M.** Multiplicadores Reflexivos. *Nova Perspectiva Sistêmica*. Rio de Janeiro, 20, jan. 2003, p.14-21.
- COSTA, L.F., CONCEIÇÃO, M.I.O., SUDBRACK, M.F.** O Psicólogo na Comunidade: Abordagem Psicossocial e Grupal às Famílias. *Nova Perspectiva Sistêmica*, Rio de Janeiro, 38, dez. 2010, p.119-126.
- GHIRALDELLI, P.** *A filosofia na prática: identidades no serviço social e na educação*. Americana: Centro de Estudos em Filosofia, 2004.